

**Aparecido Santos do Carmo**  
UFMT  
Cuiabá, MT, Brasil

**Cristóvão Domingos  
Almeida**  
UFMT  
Cuiabá, MT, Brasil

## NÃO SÃO APENAS NÚMEROS: ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS NA COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19 NA FOLHA DE S. PAULO

### IT'S NOT ABOUT NUMBERS: AN ANALYSIS OF THE OBITUARIES IN THE COVID-19 PANDEMIC COVERAGE IN FOLHA DE S. PAULO

#### RESUMO

Este trabalho analisa a utilização das histórias de vida na cobertura jornalística da pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tanto, optou-se pelos obituários publicados nos dias 6, 13, 20 e 28 de junho de 2020 na seção “Aqueles que perdemos” do jornal Folha de S. Paulo. Por intermédio da Análise de Discurso de linha francesa, buscamos compreender de que maneira esses relatos reconstruíram as trajetórias dessas personagens e como as vítimas da pandemia foram retratados pelo principal jornal diário do país. Foi possível verificar uma preocupação em humanizar os números de mortos e um posicionamento do jornal em defesa da ciência e da prevenção da doença.

**Palavras-chave:** Comunicação; Obituários; Pandemia de Covid-19; Análise de Discurso.

#### ABSTRACT

This paper analyzes the use of life stories in the coverage of the Covid-19 pandemic in Brazil. To this end, we opted for the obituaries published in June 2020 in the “Those we lost” section of the *Folha de S. Paulo* newspaper. Through the Discourse Analysis of the French line, we seek to understand how these reports reconstructed the trajectories of these characters and how the victims of the pandemic were portrayed by the main daily newspaper in the country. It was possible to verify a concern to humanize the numbers of deaths and a positioning of the newspaper in defense of science and prevention.

**Keywords:** Communication; Obituaries; Covid-19 pandemic; Discourse Analysis.

Recebido: 25/10/2020 / Aprovado: 11/01/2021

Como citar: CARMO, A. S.; ALMEIDA, C. D. Não são apenas Números: análise dos obituários na cobertura da pandemia de Covid-19 na Folha de S. Paulo. Revista GEMINIS, v. 11, n. 3, pp. 31-44, set./dez. 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar a utilização do formato jornalístico obituário na cobertura da crise sanitária causada pelo novo coronavírus no Brasil, respondendo à seguinte questão: de que maneira essas narrativas biográficas publicadas em jornais constroem sentidos a respeito das histórias de vida das vítimas e da própria pandemia?

Um obituário é um texto curto, escrito em formato literário e que visa informar o falecimento de uma pessoa a partir de sua história de vida. Na atualidade, os obituários são dedicados às personalidades desconhecidas do grande público, mas cujas ações foram relevantes para a sociedade ou simplesmente por despertarem interesse em razão de suas características pessoais. A trajetória da personalidade perfilada, o obituariado, é reconstruída a partir dos relatos das pessoas com quem conviveu enquanto estava viva. Apesar de ser a morte um dos valores-notícias mais comuns e de ser o acontecimento motivador para a publicação desses textos, os obituários geram interesse nos leitores por apresentarem personagens identificáveis, cujas histórias podem ser assimiladas como semelhantes, próximas (SUZUKI JR, 2008; DIAS; CARMO, 2020).

Nossa análise será desenvolvida a partir dos conceitos e procedimentos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Trata-se de um procedimento metodológico que surgiu na década de 1960 na França a partir dos estudos de Michel Pêcheux. A AD destaca-se por permitir compreender a língua como trabalho simbólico constitutivo do homem e da sua história. O uso da língua, a partir desse ponto de vista, é determinado por condições sócio-históricas em que o indivíduo está inserido e por influências ideológicas que lhe são anteriores. O discurso, portanto, seria a materialidade da ideologia na língua, já que não existe sujeito sem linguagem e nem linguagem sem ideologia. Desse modo, para a AD não existem ingenuidades ou aleatoriedades na língua, elemento vivo e dinâmico, constituído de história, valores, conceitos e imagens (ORLANDI, 2005; BENETTI, 2018; SOUZA, 2014).

A mídia como um todo e o jornalismo especificamente não podem ser pensados fora do nosso tempo e do nosso mundo, como se fosse um campo livre de influências dos diversos discursos que circulam entre os indivíduos. Apesar de se apresentarem como imparciais e isentos, os veículos são compostos por pessoas que pensam e agem segundo sua própria consciência e intenção.

Os discursos se constituem na interrelação entre enunciador e leitor que se estabelece por meio do texto, por isso diz-se que os discursos dependem dos sujeitos para existirem. As notícias, bem como as demais produções jornalísticas, trazem consigo traços sócio-históricos que os leitores interpretam mobilizando o já lido, o já conhecido. Aquele que lê o texto pode, ainda, estabelecer

conexões entre aquilo que o enunciador apresenta e sua própria história ou ao contexto de produção e circulação daquelas informações para conferir a elas um determinado sentido (BENETTI, 2018).

É necessário compreender que o texto é a parte visível de um complexo processo que tem origem no tecido social, apesar de nem sempre isso ficar explícito. Desse modo, é preciso olhar além da superfície, da camada discursiva do objeto analisado e buscar os traços ideológicos que se escondem além da escrita polida e do planejamento gráfico moderno da página impressa ou virtual (BENETTI, 2016; 2018). É o que buscamos realizar neste trabalho.

Para isso, construímos nosso *corpus* de análise nos obituários publicados pela Folha de S. Paulo durante o mês de junho de 2020, quando o número de mortes por causa da pandemia se estabilizou em cerca de mil por dia. No total, foram dezoito obituários publicados nos quatro fins de semana daquele mês. Na página, os obituários eram ilustrados com retratos dos falecidos e vinham antecidos por uma breve introdução sem assinatura. Esses textos também foram incluídos no corpo amostral. Antes da análise propriamente dita, fazemos já a seguir um breve resumo do contexto em que tais narrativas foram produzidas e circularam.

## A PANDEMIA E O JORNALISMO

A Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, entrou no noticiário brasileiro antes mesmo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) passasse a classificar o surto da doença como pandemia – quando há transmissão sustentada em países de pelo menos dois continentes. Isso porque enquanto o mundo se surpreendia com os números crescentes de mortes, medidas de isolamento compulsório nunca antes vistas e os esforços da China, primeiro país a enfrentar crise sanitária em decorrência da doença, para evitar a contaminação entre seus cidadãos, um grupo de brasileiros residentes no país asiático vinha insistentemente pedindo o auxílio governamental para retornar ao país de origem.

Diante das negativas do presidente da República, Jair Bolsonaro, em trazer essas pessoas de volta, o caso ganhou visibilidade na imprensa. Em razão da repercussão, o Congresso Nacional aprovou lei específica que permitia a imposição de quarentena obrigatória para evitar uma possível disseminação da doença no país – esse era o principal argumento do Governo Federal para não atender as demandas dos brasileiros na China<sup>1</sup>.

Os brasileiros foram repatriados. Ficaram em quarentena. E os cidadãos no território nacional, como os de vários lugares do mundo, continuaram a não se preocupar tanto com a doença

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-prev%C3%AA-o-projeto-do-governo-brasileiro-sobre-coronav%C3%ADrus/a-52258109>. Acesso em: 24 out. 2020.

ou o vírus. Àquela altura, primeiro trimestre de 2020, não se sabia muito sobre a Covid-19, se poderiam haver sequelas e nem quais os efeitos dela no organismo humano além de uma síndrome respiratória aguda que era mais grave em idosos e pessoas com doenças pré-existente. O primeiro caso de morte registrada no país em consequência da infecção pelo novo coronavírus foi em 12 de março. Em 8 de agosto, cerca de 5 meses depois, o número de mortos superava os cem mil<sup>2</sup>.

Diante da maior crise global desde a Segunda Guerra Mundial, o Governo Federal se esquivou do seu papel de liderar as ações necessárias para prevenir o aumento de casos, adotando uma postura anticiência, negando a gravidade da situação e incentivando deliberadamente a população a se expor à contaminação seja em aglomerações, algumas provocadas pelo próprio presidente Bolsonaro, ou desacreditando a necessidade do uso de máscaras. Dois ministros da saúde foram demitidos por não aceitarem receitar medicamentos que não tinham efeito contra a doença, principalmente a hidroxicloroquina. O general de exército Eduardo Pazuello, nomeado interinamente, foi escolhido para ocupar o cargo após a segunda demissão por estar alinhado ideologicamente ao presidente, mesmo não tendo formação ou experiência na área da saúde.

A imagem de Jair Bolsonaro, principalmente, ficou muito atrelada à falta de reação governamental contra a crise sanitária. Enquanto líderes ao redor do mundo<sup>3</sup> falavam em guerra contra o vírus, conclamavam a população a se unir e tomar para si a responsabilidade nas próprias mãos e pediam que as pessoas não subestimassem a doença e tomassem as medidas de higiene pessoal e distanciamento social para se proteger, mesmo os jovens e saudáveis, o presidente brasileiro foi à rede nacional de rádio e televisão dizer aos cidadãos que a doença era uma “gripezinha”, que atingiria principalmente idosos e que pessoas com “histórico de atleta” não corriam risco<sup>4</sup>.

No auge da crise, quando o número de mortes se estabilizou em aproximadamente mil pessoas por dia entre junho e agosto, o governo agiu na tentativa de impedir a divulgação dessas informações nos telejornais do horário nobre da televisão. A partir de 6 de junho, os números oficiais, consolidados pelo Ministério da Saúde, e divulgados costumeiramente às 19h passaram a ser liberados após as 22h e com a diferença de que, ao invés de serem divulgado os números totais,

<sup>2</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/08/brasil-chega-a-100-mil-mortos-por-covid-19.htm>. Acesso em: 24 out. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8429537/>. Acesso em: 15 out. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.record.pt/multimedia/videos/detalhe/bolsonaro-pelo-meu-historico-de-atleta-nao-teria-de-preocupar-me-se-fosse-contaminado-pelo-coronavirus>. Acesso em: 23 out. 2020.

apareciam na plataforma governamental apenas as informações das últimas vinte e quatro horas. Perguntado sobre as alterações o presidente declararia “acabou matéria no Jornal Nacional”<sup>5</sup>.

Ao longo dos meses em que os brasileiros se colocaram em quarentena domiciliar por precaução, o governo e principalmente o presidente da República, deixava claro o seu descontentamento com a cobertura do avanço da pandemia pelo país. Entre os grandes veículos<sup>6</sup>, se destacaram o *Grupo Globo* e os jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*. Foram justamente essas empresas de comunicação que articularam a criação de um consórcio de veículos de imprensa para apurar junto às secretarias estaduais, consolidar e disponibilizar os números de novos casos confirmados da doença e de mortos em decorrência de complicações da infecção pelo novo coronavírus diariamente, com atualizações às 8h, 13h e 20h. Desde 8 de junho são os números divulgados pelos jornais *O Globo*, *Folha*, *Estadão*, *Extra* e os portais *UOL* e *G1* que pautam o noticiário. Mesmo quando o governo voltou a divulgar as informações totalizadas, por determinação do ministro Alexandre de Moraes do Supremo Tribunal Federal (STF), já não tinham a mesma credibilidade junto à sociedade e nem o mesmo espaço nos veículos jornalísticos.

Quando qualquer pessoa pode disseminar informações, sejam elas verdadeiras ou falsas, para a sua rede de contatos, o papel do jornalismo profissional ganha ainda mais importância. Nesse sentido, a principal contribuição do jornalismo para a sociedade é garantir que os cidadãos tenham acesso às notícias e informações de que necessitam para se autogovernar. Kovach e Rosenstiel (2003) defendem que é a prática jornalística que garante a liberdade, a preservação da identidade das comunidades e a independência das pessoas. Tanto é assim, que aqueles que objetivam atacar as liberdades individuais de uma sociedade, voltam-se em primeiro lugar para a sua imprensa.

No mesmo sentido vai a pesquisadora Gisele Dotto Reginato (2018, p. 5) que, em sua tese de doutorado, sistematizou as finalidades do jornalismo segundo discursos identificados em posicionamentos de veículos, profissionais de imprensa e leitores. São eles:

- a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

<sup>5</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>. Acesso em 10 out. 2020

<sup>6</sup> Não é intenção deste trabalho discutir a participação da imprensa na ascensão da extrema-direita ao poder, por isso não vamos problematizar acontecimentos ocorridos antes da pandemia.

Na concepção da pesquisadora, é função primordial do trabalho da imprensa jornalística auxiliar as comunidades a compreenderem os desafios de sua época, dando sentido ao momento presente, desvendando os modos de funcionamento do mundo. Apesar dos 12 pontos citados, não se pressupõem que cada notícia, individualmente, busque abranger cada tópico, mas ao contrário, que o sentido do todo da produção jornalística seja garantir que sua audiência se sinta atendida em cada uma dessas finalidades.

Ao passo que o jornalismo foi fundamental para a formação das comunidades e o estabelecimento de regimes democráticos ao redor do mundo, ao mesmo tempo serve para atender uma demanda instintiva de tomar conhecimento do que se passa em outras comunidades pelo globo. Entender o desconhecido dá aos indivíduos uma sensação de segurança e estabilidade, que permite que eles possam traçar planos a longo prazo e tomar decisões com base na leitura que fazem do seu contexto e das possibilidades que vislumbram. Ao se voltar contra os jornalistas, o governo brasileiro transmite para a população em geral uma mensagem negativa, já que é facilmente verificado na história que “quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações”, o que pressupõe liberdade para a atividade dos repórteres (KOVACH; ROSENSTIEL. 2003, p. 36). Além disso, ao negar à população o acesso à situação de momento da pandemia, sobretudo quando se sabia que era um dos momentos mais críticos no país com mais de 30 mil mortos, as autoridades governamentais atentaram diretamente contra o instinto de percepção inerente aos indivíduos, tirando-lhes o direito de formar uma opinião sobre o tema e tomar medidas para garantir o bem-estar próprio e de terceiros.

Foi nesse contexto de conflito entre governo e parte da imprensa e sociedade civil e sob a sombra da Covid e o luto pelas mortes de milhares de brasileiros que a Folha deu início à publicação das histórias de vida de parte das vítimas da pandemia.

### **‘AQUELES QUE PERDEMOS’**

Para responder nossa pergunta norteadora, construímos uma amostragem com as quatro edições publicadas aos fins de semana durante o mês de junho da seção “Aqueles que perdemos” na editoria de Saúde, nas páginas dedicadas à cobertura da pandemia de Covid-19. Ao todo, nossa amostra é composta por 18 obituários de vítimas da doença e 4 textos introdutórios, um por edição. Entre as pessoas retratadas, 10 eram homens e 8 mulheres.

As histórias das vítimas são apresentadas semanalmente, em página inteira com fotos dos rostos e destaque no título para as principais características colhidas nos depoimentos com amigos e familiares. É a essência da vida narrada, o que chamou a atenção do obituarista para aquela história

(DIAS; CARMO, 2020). É o caso do texto sobre o professor universitário Wisley Falco Sales, cujo título era “Conseguiu ser engenheiro e não parou mais de estudar”. Mas o título também pode dar noção da dramaticidade da história a ser apresentada aos leitores, como é o caso da história de vida da dona de casa Celma Castro: “Grávida dá à luz sedada e morre sem conhecer a filha”. O discurso jornalístico é notadamente intersubjetivo, isto é, depende dos sujeitos para significar algo, “não apenas o autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê” (BENETTI, 2018, p. 108). Disso resulta que o que se diz, neste caso nos obituários, não está claro, não é óbvio, nem literal. O objetivo dos repórteres que produziram tais textos foi tentar direcionar a interpretação dos leitores para um determinado sentido. Nesse caso específico, apiedar-se dos personagens por sua trajetória de vida, no primeiro caso, e pela fatalidade da morte seguida da orfandade de uma recém-nascida, no caso da gestante.

Os leitores da Folha já estavam habituados a verem relatos biográficos de falecidos nas páginas do jornal, uma vez que desde 2007 a coluna “Mortes” se dedica a produção de obituários diariamente no caderno “Cotidiano”. Durante o período analisado, porém, a coluna fixa não apresentou nenhuma morte por Covid-19, essas histórias ficaram reservadas para a página especial publicada nos fins de semana.

Dar nomes e imagens para as vítimas da pandemia foi uma decisão editorial compreensiva. Ao longo da história, em momentos de tragédias que abalam as nações e resultam em muitos mortos, o jornalismo se ocupa de identificar heróis e vítimas e destacá-los para que sua morte não tenha sido em vão, não deixa de ser um gesto de proximidade dos veículos para com seus leitores. Foi assim nos dias após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos jornais dos Estados Unidos; também ocorreu o mesmo nos periódicos da Itália, país europeu mais afetado pela Covid-19, nas semanas sombrias em que a região foi o epicentro mundial da doença.

Contudo, o contexto em que as histórias são produzidas e divulgadas é de conflito entre o presidente da república e a imprensa, a quem ele vê como inimiga; pesar nacional pelos mortos e doentes; medo de adoecer e morrer, de contaminar alguém conhecido, medo de não saber se/quando tudo vai voltar ao normal. Além disso, o Governo Federal e alguns governos e lideranças locais se mobilizaram para desacreditar as orientações que visam proteger a população. Tudo isso configura nas páginas-memoriais da Folha um espaço para a disseminação de discursos opostos àqueles que são difundidos pelas autoridades e influenciadores negacionistas.

O posicionamento da Folha de S. Paulo pode ser observado nos abres, parágrafos iniciais da página-memorial, que ocupa a função de chamar a atenção do leitor para as histórias apresentadas. Ao contrário dos obituários, que geralmente são assinados, o abre vem sem indicação de autor, o que

no jornalismo impresso quer dizer que quem fala é o veículo. As personagens escolhidas para esse espaço são apresentadas como pessoas de “trajetórias surpreendentes” (AQUELES..., 2020) que foram “ceifados de forma abrupta” (AQUELES..., 2020c) pela pandemia. Na edição de 13 de junho, “na semana em que o governo ameaçou sonegar dados de vítimas da Covid-19”, é registrado o falecimento do fotógrafo Pedro Oswaldo Cruz, neto do médico sanitário Oswaldo Cruz “que enfrentou a ignorância e a desinformação” no combate a doenças tropicais no Brasil, mais de um século atrás. Questões, segundo o jornal, “que soam familiares ainda hoje” (FOLHA, 2020a). Uma clara referência à política negacionista e anticiência do governo do presidente Jair Bolsonaro.

Em uma de suas várias declarações, o presidente da República afirmou à imprensa que “Não dá pra continuar assim. Nós sabemos que devemos nos preocupar com o vírus, em especial os mais idosos, quem tem doenças, quem é fraco, mas (sem) essa de fechar a economia. 70 dias a economia fechada. Até quando isso vai durar?”<sup>7</sup>. Esse pensamento parte do pressuposto de que pessoas jovens e fortes não estão vulneráveis, mas não é o que mostram os registros oficiais. Nem a cobertura da imprensa.

Celma Castro de 39 anos é uma das vítimas retratadas pela Folha em nossa amostragem. Gestante, ela morreu após um parto de emergência e nunca conheceu a filha que tanto sonhava em ter. “A contaminação foi uma surpresa para a família. Celma estava isolada em Venda Nova do Imigrante, cidade de 24 mil habitantes no Espírito Santo” (MANEO, 2020). A realidade se impõe em oposição ao que é defendido pelo presidente. Jovem, sem comorbidades conhecidas, a dona de casa estava isolada numa tentativa de se proteger, mesmo assim se contaminou e morreu de Covid. Em entrevista, sua cunhada e madrinha da criança que ficou sem mãe logo depois de nascer, responde a uma outra declaração presidencial:

A Covid é cruel [...]. Além da vida, ela nos tira a possibilidade de se despedir adequadamente de quem a gente ama. É muito triste, até desumano, perder uma pessoa dessa forma. [...] As pessoas acham que é brincadeira. Não, não é só uma gripezinha. Covid mata e fica só a saudade (MANEO, 2020).

Ouvida pelo repórter Adriano Maneo, a entrevistada respondia diretamente ao presidente Jair Bolsonaro que afirmara anteriormente que pessoas jovens e ativas seriam acometidas no máximo por “uma gripezinha ou resfriadinho”<sup>8</sup>. Luciane Freiburger, engenheira e fisioterapeuta de 34 anos,

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-so-fracos-doentes-e-idosos-devem-se-preocupar,a520587d843c8178893210cc77ebec883rz13b1w.html>. Acesso em 11 out. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/24/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes.htm>. Acesso em 10 out. 2020.

também não tinha comorbidades. No caso dela, sequer foi possível identificar como ela se contaminou. Em sua família ninguém apresentou sintomas e ela foi o primeiro caso registrado oficialmente da doença no município de Manoel Ribas, no Paraná.

Para Márcia Benetti (2016), todo discurso se estabelece na tensão entre o retorno a ideias já estabelecidas e a ruptura delas. É a paráfrase, o movimento de construção de sentidos que se baseia na reformulação do modo de dizer aquilo que já foi enunciado anteriormente. Nos casos dos obituários de Celma e Luciane, é possível identificar o acionamento do discurso crítico à falta de uma ampla ação de testagem que poderia apontar os casos de pessoas contaminados que não apresentaram sintomas, situações que podem estar na origem do adoecimento das duas mulheres. Além disso, as personagens destacadas estavam fora do grupo de risco – os dois obituários citam textualmente a não existência de comorbidades e ambas tinham menos de quarenta anos. Mesmo assim, seus quadros clínicos evoluíram para a forma mais grave da doença e elas vieram a falecer, contrariando a declaração já citada do presidente Bolsonaro, que se apegava na separação por idades para defender o retorno imediato da população aos seus postos de trabalho, numa concepção que coloca a vida dos cidadãos abaixo dos interesses liberais defendidos por seu governo.

Escrever narrativas esteticamente mais trabalhadas, como são os formatos biográficos, só é possível a partir da noção de que os sujeitos são dotados de subjetividade e historicidade e, por tanto, complexos. Por essa razão, convencionou-se tratar esse tipo de texto como humanizado. As histórias de vida são capazes de gerar empatia e criar proximidade entre autor, personagem e leitor num processo em que interlocutor se projeta no relato do/sobre o outro. Mais do que valorizar as experiências das personagens retratadas, contudo, essas histórias são fruto de um processo mais amplo que possibilita privilegiar a experiência também do leitor e do repórter, como numa “tríade da humanização” (ORMANEZE, 2013, p. 3).

O ato de humanizar, no texto, vai além da mera reprodução de estereótipos ou de uma tentativa de criar mitos vivos. Essa possível identificação ou distanciamento entre leitor, repórter e personagem também está submetida aos dois esquecimentos discursivos elencados por Michel Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2005, p. 35). O primeiro, chamado esquecimento ideológico, é caracterizado pelo apagamento das origens de uma ideia, isto é, aquele que enuncia tem a impressão de ser a origem daquilo que diz. Já o segundo, o esquecimento enunciativo, diz respeito às escolhas do enunciador na formulação de seu discurso. De modo resumido, aquele de quem se origina o texto, no caso dos obituários, acredita que não existe outro modo de contar sobre aquela pessoa senão do modo como o fez, com aquelas palavras, selecionando aquelas citações diretas, utilizando aquela analogia etc. Leitor e repórter estão submetidos ao esquecimento ideológico e, portanto, ao

estabelecer identificação com as histórias narradas, ambos têm a impressão de que aquela é a única e verdadeira versão da história de vida da personagem, quase como se a pessoa retratada tivesse nascido naquele momento. Ao mesmo tempo e por saber-se possuidor de capacidade técnica e intelectual para isso, o repórter vê o seu relato como o mais fidedigno possível sobre aquela pessoa, conforme o segundo esquecimento, ignorando que ele é “fruto de uma formação discursiva na qual, sem saber, inscrevem-se e produzem-se sentidos” (ORMANEZE, 2017, p. 203).

Dos obituários que compõem nossa amostra talvez o exemplo que melhor permita compreender a tríade da humanização seja o testemunho do jornalista Emílio Sant’Anna nos dois últimos parágrafos do obituário de George Francisco Gomes, o George Black:

Sua morte foi sentida por jornalistas da Folha e tantos outros espalhados pelas redações de São Paulo. Aos leitores e, principalmente, a George e sua família minhas sinceras desculpas. Contra toda regra de objetividade do jornalismo, este é o primeiro texto que escrevo enquanto choro (SANT’ANNA, 2020).

Num gesto incomum, mesmo para um jornal que publica obituários na vertente do jornalismo literário diariamente, o repórter permitiu-se relatar seu testemunho pessoal a respeito da perda de um amigo para a pandemia, além de impor o seu estilo pessoal e buscar imergir na história e na realidade da personagem retratada, levando-se em consideração o contexto de morte e sofrimento.

“Mesmo sendo do grupo de risco”, dizia o obituário do clínico-geral e cirurgião Clóvis Górski, “[...] e de já estar aposentado, não quis parar de trabalhar e continuou atendendo. A pedido da família, havia deixado a emergência, mas ainda atuava em consultório, onde provavelmente contraiu o vírus de um paciente” (MEHERET, 2020). O texto publicado constrói a figura de uma pessoa dedicada ao seu ofício, talvez influenciado por uma ideologia neoliberal, mas no contexto de pandemia, o que se pode tirar como “lição da história” é o sacrifício de um profissional que atuou na linha de frente nos esforços para salvar as vidas dos acometidos pela Covid-19.

Ao leitor, por fim, a humanização pode ocorrer a partir de uma identificação daquele que lê para com aquele cuja história foi narrada e/ou com as marcas de autoria deixadas no texto pelo repórter. Essas histórias sobre gente “excitam, orientam, alertam” e trazem uma dimensão imaginária para a vida cotidiana ao permitir que o leitor se coloque nas situações retratadas (BOAS, 2002, p. 39). É indispensável, porém, compreender que todas as faces desse tríângulo são profundamente afetadas pela posição histórica de cada um e da memória compartilhada socialmente e que dá sustentação para certos discursos que carregamos conosco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo buscamos identificar como os obituários das vítimas de Covid-19 publicado na Folha de S. Paulo constroem sentidos a respeito da pandemia e dos falecidos retratados nas páginas-memoriais da seção “Aqueles que perdemos”, publicados na editoria de saúde do jornal. Nossa amostra, composta por textos publicados ao longo dos quatro fins de semana do mês de junho, foi desenvolvida segundo os procedimentos da Análise de Discurso de linha francesa.

Em nossa análise, foi possível verificar que os textos foram escritos de modo a direcionar a interpretação dos leitores, construindo indicativos de lamento e solidariedade. Além disso, foi possível constatar posicionamentos do veículo em oposição às ações do Governo Federal por meio de textos introdutórios sem referência a um autor específico, o que no jornalismo impresso significa que quem fala é o veículo, assim como ocorre com os editoriais, por exemplo. Especificamente em nossa amostra identificou-se implicitamente a defesa da ciência em detrimento da opinião e explicitamente o respeito pela memória das vítimas e seus familiares.

Num exercício parafrástico foi possível apontar a existência de referências críticas a falta de um plano nacional de testagem em massa da população, conforme recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) já naquela altura da crise sanitária. Observou-se também desmentidos implícitos do discurso de Bolsonaro, caso das vítimas jovens e sem doenças pré-existentes que morreram do que o chefe do governo nacional chamou de “gripezinha”.

Além disso, verificou-se a humanização do relato jornalístico. Muito além da reprodução de conceitos pré-estabelecidos e estereótipos, trata-se de um processo complexo, porque assim são as pessoas, que envolve o estilo e as marcas pessoais do repórter-enunciador e o seu aprofundamento na história relatada, proporcionando ao leitor a possibilidade de se imaginar nas passagens descritas no texto.

## REFERÊNCIAS

- BENETTI, Márcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em Comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de. LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 235-256.
- BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 107-122.
- BOAS, Sergio Vilas. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

DIAS; Paulo da Rocha; CARMO, Aparecido Santos do. **O obituário no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORMANEZE, Fabiano. Do estético ao ideológico na análise de narrativas jornalísticas: o caso das histórias de vida. In: SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 200-211.

ORMANEZE, Fabiano. O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário. In: **VI Encontro Paulista de Professores de Jornalismo**, 2013, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/37AI3T6>. Acesso em: 20 out. 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo: percepções de veículos, jornalistas e leitores. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-18, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID29349. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29349>. Acesso em: 23 out. 2020.

SOUZA, Sérgio. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Census, 2014.

SUZUKI JR, Matinas. A pauta de Deus. In: SUZUKI JR, Matinas (Org.). **O livro das vidas: obituários do New York Times**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 289-310.

## TEXTOS ANALISADOS

AQUELES que perdemos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020. Saúde.

CASTANHO, Laura. Regina Célia da Silva, 62, babá e fiel escudeira. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020a.

FABIANA Anastácio, 45, cantora de risada marcante. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020.

MAIA, Dhiego. Miss Biá, 79, drag pioneira e 'Hebe das gays'. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020.

MEHERET, Jéssica. Luciane, 34, a paranaense com duas profissões bem diferentes. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020a.

MORAES, Carolina. Ednaldo, 44, deixa 5 filhos e equipe de 52 funcionários. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2020.

AQUELES que perdemos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2020. Saúde.

CASTRO, Ruy. Dulce, 90, estava sempre onde a história acontecia. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2020.

MARTINS, Laura. Jimmy Raw, 58, radialista, apresentou o Globo de Ouro. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2020.

PAIVA, Nathália. Jorge, 64, médico que cuidava dos cães de rua. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2020.

PITOMBO, João Pedro. Pedro Oswaldo Cruz, 79, fotógrafo do Rio e neto do sanitarista. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2020.

AQUELES que perdemos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020. Saúde.

CASTANHO, Laura. Para Mariane, 38, não tinha tempo ruim. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020.

GAMA, Aliny. Edvaldo Gouveia, 91, autor de “Sentimental Demais”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020.

MANEO, Adriano. Tia Uia, 78, biblioteca viva de comunidade quilombola no RJ. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020a.

MEHERET, Jéssica. Clóvis, 72, teve o caixão aplaudido pela cidade. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020.

SANT’ANNA, Emilio. Com boas histórias, George Black, 50, guiava jornalistas pelas ruas de SP. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jun. 2020.

AQUELES que perdemos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 2020. Saúde.

ADAILTON, Franco. Professora que atuava na prevenção à Covid em Salvador morre aos 59 anos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 2020.

BOTACINI, Guilherme Pereira. Mecânico é o primeiro metroviário morto de SP. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 2020.

MANEO, Adriano. Grávida dá à luz sedada e morre sem conhecer a filha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 2020.

MASSON, Stela. Conseguiu ser engenheiro e não parou mais de estudar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 2020.

### Informações sobre o Artigo

**Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:** não se aplica.

**Fontes de financiamento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Apresentação anterior:** não se aplica.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** não se aplica.

### **Aparecido Santos do Carmo**

Estudante de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. É graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma instituição.

**E-mail:** [aparecido.jor@gmail.com](mailto:aparecido.jor@gmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-2038-0779>

### **Cristóvão Domingos Almeida**

Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo, Doutor em Comunicação e Informação e mestre em Educação. É professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

**E-mail:** [cristovaoalmeida@gmail.com](mailto:cristovaoalmeida@gmail.com)

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-6044-4557>